



## XADREZ

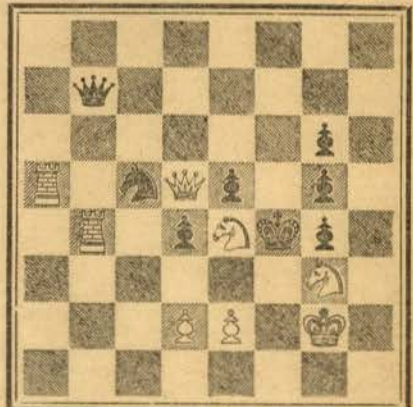
Dirigido de Vasco C. Santos e J. Cosentino Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa redacção com a referência «Xadrez»

PROBLEMA N.º 11

Concours de U. P. F.

E. KLAR



1.º prêmio

Mais em 3 lances

## Notas soltas

Alcine não endolcece. Prova-o o facto de ter participado, posteriormente à data da sua suposta perturbação mental, em algumas provas, como naquela em que defrontou, em Sevilha, numa «simultânea», trinta e cinco jogadores dos mais fortes da Andaluzia. Parece-nos inadmissível que um indivíduo com as faculdades mentais pouco precisas, conseguisse, por maior consagração que tivesse obtido no «mundo do xadrez», ganhar simultaneamente 27 partidas, empatando 6 e perdendo apenas 21.

— Está prestes a iniciar-se o Campeonato Nacional de Xadrez. Regostamo-nos desde já pelo facto, pois só por si significa a regularidade com que finalmente se passará a disputar a prova em que o título máximo é pôsto em jogo. Tem-se como certa a participação de Carlos Pires, actual detentor do troféu dos Mestres Peter Braumann, Gabriel Russell, dr. Gabriel Ribeiro, e dos candidatos ao título de mestre Francisco José Lupi e João Mário Ribeiro, campeões, respectivamente, de Lisboa e do Porto. Dada a homogeneidade do elenco do torneio, é fácil vaticinar brilhantismo e emoção.

— Terminou agora o primeiro torneio da presente época: o campeonato de 3.ª categoria do Grupo de Xadrez de Lisboa, que reuniu 13 concorrentes. Os primeiros postos foram ocupados pelos xadrezistas Fernando de Almeida, novo campeão, A. Meça de Oliveira, Mário Pinto Gomes, etc. O nível técnico da prova foi sensivelmente inferior ao da antecedente, mas a homogeneidade foi mais expressiva — e por consequência teve maior interesse.

— Depois de se disputar o Torneio de Mestres (campeonato de Portugal), dar-se-á início a outra prova não menos importante: o campeonato de Lisboa inter-equipas, para o qual foi instituída a famosa «Estoril», actualmente em poder do Sport Lisboa e Benfica.

Uma das nossas intenções é fazer interessar pelo xadrez as mais importantes colectividades desportivas. Assim, esperamos ver representadas naquela prometedora manifestação da vitalidade do «desporto intelectual» a gloriosa trindade: Benfica, Sporting e Belenenses!

— Projecta-se também outra sensacional prova: um «match» Lisboa-Porto pelo telefone. Garantem-no Rui Nascimento — o idealizador — e Francisco Lupi, da Sociedade Propaganda de Portugal. Segundo se supõe, a equipa de Lisboa jogará numa das salas do Casino Estoril — onde também se espera receber brevemente uma equipa de xadrezistas espanhóis, a fim de se realizar o 1.º Portugal-Espanha.

— O Grupo de Xadrez de Lisboa está de parabéns. Faz agora 11 anos que meia dúzia de entusiastas — a dedicação personificada! — ergueram os alicerces de uma obra a que o xadrez lusitano tanto deve. Ao estreito paladino da arte escacística em Portugal, as nossas melhores felicitações e votos de ininterrupta actividade.

— Uma sugestão, a propósito: por que não se comemora o aniversário do G. X. L. realizando-se, por exemplo, a distribuição dos prémios da época finda e a projectada «simultânea» de Nascimento-Lupi — programa que não chegou a efectuar-se e que acusa hoje um atraso injustificado?

**CORRESPONDÊNCIA** — J. G. Soares da Graça, Coimbra — Agradecemos a recepção de um «dois-lances». Oportunamente informá-lo-emos do resultado do exame

# A vitória de Rurac

## sobre Cochet na final dos Campeonatos Internacionais, constituiu surpresa

As duas últimas jornadas dos Campeonatos Internacionais do Estoril (Inverno-1944), após interrupção amplamente justificada pelo louvável propósito de proporcionar aos portugueses a exibição do famoso Henry Cochet, decorreram plenas de interesse e animação.

Todos os que no sábado e no domingo se deslocaram para o Estoril devem ter dado por muito bem empregado o seu tempo. E muitas foram as pessoas que assistiram a essas duas actuações de Cochet, de tal maneira que, para alguns, registou-se assistência «récord».

Os elementos de menor valia — não queremos dizer que não possuíssem valor — e estavam já afastados da prova, o que equivale a dizer que estava feita a natural selecção de valores.

Cochet, Szawost, Rurac e José Roquete foram, portanto, as «vedetas» dos mais sensacionais encontros efectuados no Estoril, a contar para uma competição que veio a ter desfecho com que muitos não contavam.

A derrota de Cochet pode ter surpreendido. Melhor — deve ter surpreendido. Mas a verdade é que, para quem souber ver ténis, o seu desaire em nada desmente a fama de que vinha precedido. Há que ter em atenção um factor, a cujos efeitos ninguém escapa: a idade. Rurac, com metade dos anos de Cochet, sensivelmente, teve essa circunstância pelo seu lado para arrancar uma vitória que lhe traz aumento de créditos de categorizado jogador.

Szawost foi, nesta competição, melhor do que havia sido, em Outubro, quando jogou em Cascais e no Estoril. E Roquete foi o jogador voluntarioso de sempre, mas de classe inferior à dos restantes semi-finalistas.

•

O encontro Cochet-Szawost, numa das meias-finais, foi dos melhores que se terão disputado em «courts» portugueses. O antigo

campeão mundial forneceu a sua melhor exibição contra um adversário que entrou no «court» disposto a dar tudo por tudo.

É crível que para muitos dos espectadores Szawost tenha sido mais brilhante que Cochet. A sua energia, o seu «serviço» colocado e fortíssimo, a que o francês por meia dúzia de vezes nem sequer tentou responder, evidenciaram claramente que o ténis é difícil. Cochet, porém, revelou superior classe, com impressionante facilidade de execução e excelente concepção das jogadas, algumas das quais, junto à rede, maravilharam. E fica-se a pensar o que terá sido Cochet nos seus tempos áureos...

A vitória pertenceu-lhe, por 6-4, 4-6 e 6-2 um «score» que reflete com flagrante exactidão o desenrolar da luta. No segundo «set», tivemos a impressão de que Cochet logo que se atrasou na marcação, procurou reservar energias para a derradeira partida. E nesta impôs-se.

A outra meia final disputaram-na Rurac e J. Roquete. Vitória natural do primeiro por 6-0 e 9-7. A diferença de «score» das duas partidas é notória. Consequência do nosso campeão só tarde se ter apercebido da toada conveniente para o jogo vigoroso de Rurac, que tem na sua «esquerda» o melhor atributo.

E chegou-se à final, ao melhor de cinco partidas, portanto em condições mais difíceis para Cochet. Os 23 anos do romeno falaram claramente. O seu adversário, que na véspera foi obrigado a maior dispêndio de energia, acabou por ceder. Rurac foi voluntarioso ao máximo, principalmente depois de se ter apercebido de podia vencer. E venceu mesmo — convencendo o público. Resultado: 6-4, 3-6, 6-3 e 6-4.

•

A prova de pares-homens redundou numa série de exhibições mais ou menos agradáveis. E nesta modalidade Cochet e Szawost revelaram, de novo, todo o seu valor.

DRIVE

## FUTEBOL

## 2.ª DIVISÃO DO CAMPEONATO NACIONAL

(Conclusão da pág. 6)

Grupo C

Os dois concorrentes mais em evidência na «poule» dos clubes da A. F. Santarém encontraram-se no domingo, em Vila Franca. Por isso, e porque os locais haviam obtido «scores» mais convincentes, podia atribuir-se aos vilafraquenses maior favoritismo. Confirmaram-se as previsões e os Ferroviários do Entrocamento saíram derrotados por 3 «goals» de diferença. Naturais a vitória do Alcanenense sobre o União Operária e o empate entre os «Leões» e o Alverca.

Na série 11, a vitória do Onze Unidos, do Montijo, sobre o Estoril Praia, constituiu a grande surpresa da jornada. Os estorilenses não tiveram melhor sorte do que o Barreirense, oito dias antes, sendo também batidos pela diferença de dois «goals». Pouco a pouco, os montijenses começam a impôr-se e, agora, há, fatalmente, que contar com eles. Do encontro Unidos de Barreiro-Sexal, só pode causar admiração que os sexalenses pudessem marcar quatro «goals». Mas sofreram dez... O Barreirense obteve vitória folgada, de modo que o Lusó, bem batido pelo Chelas, nos obriga a não pôr em evidência a «tarde» dos clubes do Barreiro.

O Gimnástico Clube do Sul obteve a sua primeira vitória e a sua carreira na prova começa a tornar-se curiosa — visto tratar-se de um estreante. «Os teams» lisboetas resolveram as «coisas» dentro da maneira mais lógica.

Grupo D

Os algarvios descansaram. A vitória do Juventude sobre o Lusitano, certamente a contrariar o maior número de previsões, veio trazer nova animação ao torneio (naquela região, é claro). E a vantagem do vencedor foi tão folgada que pode muito bem vir a ser preciosa no ajuste de contas.

A luta entre o grupo de Montemor e o de Extremões deve ter sido reñhida, a deduzir pelo «score» (4-3). E o Lusó de Beja creditou-se de excelente vitória sobre o Moura A. C. — ZE DO PEÃO.

## Gráfica SANTELMO

ARTES  
GRÁFICAS

R. de S. Bernardo, 84 - Lisboa

### Assine a Revista «STADIUM»

3 meses Esc. 19\$50

6 meses Esc. 30\$00

12 meses Esc. 78\$00

a que o vamos submeter. Continui a produzir... e conte sempre conosco! José Augusto Alexandre, Sagres — Desta vez acertou! Gratos pelas palavras amáveis que nos dirige. Cumprimentos — e bom xadrez.

REVISTA PORTUGUESA DE XADREZ — Acaba de publicar-se o fascículo correspondente aos meses de Novembro e Dezembro, que, como sempre, contém «recheio» precioso, do qual destacaremos a série de partidas do II Porto-Lisboa, comentadas e analisadas pelos mais distintos críticos da especialidade. A R. P. X., que no corrente mês completa 7 anos de gloriosa existência, insere o «cinédito» que publicamos no n.º 26, da autoria do nosso colaborador Vasco Santos, que o dedicou a Rui Nascimento, director proficiente da «Secção de Problemas» daquele periódico.

A Revista Portuguesa de Xadrez os nossos agradecimentos e as mais efusivas felicitações por mais este ano de trabalho em prol da causa comum.